

PATRIMÔNIO, FESTA E FÉ: UM ESTUDO ACERCA DE PRÁTICAS CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE CORAÇÃO DE JESUS/MG

Autores: TÂNIA CAROLINE RUAS SILVA;

Introdução

O presente trabalho é parte integrante de uma pesquisa de mestrado, ainda em andamento, desenvolvida na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), cujo principal objetivo é analisar as festas religiosas ou “festas tradicionais” no povoado de São Luiz de Minas e no Distrito de Alvação, localizados no município de Coração de Jesus, Norte de Minas Gerais. Localizado na microrregião de Montes Claros, Coração de Jesus limita-se com os municípios de Brasília de Minas, Campo Azul, Mirabela, Montes Claros, Lagoa dos Patos, Ponto Chique, São João do Pacuí, Ibiaí e São João da Lagoa, ficando a 475 km da capital mineira, Belo Horizonte.

Fundamentado na pesquisa bibliográfica e na História Oral (utilização de entrevistas) o estudo dessas festividades surgiu da necessidade de identificar, valorizar, preservar e divulgar essas práticas que compõem o patrimônio cultural dessas comunidades.

Desenvolvimento

No Brasil colonial, as festas foram marcadas pelo sincretismo, pois os jesuítas a fim de catequizar os índios usavam “símbolos, costumes e tradições indígenas, estabelecendo pontos de ligação com o cristianismo”, utilizando incenso, água benta, rosários, ex-votos, santinhos, teatro e música para atrair os indígenas (OLIVEIRA, 2008: p.21). Durante o século XIX, no período do Império (1822-1889) a realeza portuguesa acabava interagindo com outros reis e rainhas presentes na memória dos escravos trazidos da África e esse conjunto de personagens lideravam as festas populares, afirma Lilia Moritz Schwartz (1998).

Dessa forma, a festa foi sendo incorporada em muitos espaços e com diversos rituais e reapropriações, formando ou legitimando identidades. O Brasil acabou se tornando “o país das festas”, e “essas tradições não foram apenas se reproduzindo como um motor”, “ao contrário, dinamicamente, acabaram por criar festas próprias com leituras originais de um material que lhes era anterior.” (SCHWARCZ, 1998: 247)

Mais do que um momento puramente de lazer ou de fé, elas são entendidas neste trabalho como práticas culturais extremamente importantes para se compreender as sociedades, sua relação com o espaço e o tempo em que se inserem, a forma como elas interagem entre si e os significados que adquirem em determinados espaços. E as “festas religiosas emergiram dos estudos de história cultural como um local privilegiado para se pensar o exercício da religiosidade popular e sua relação dinâmica, criativa e política com os diferentes segmentos da sociedade.” (ABREU, 1999: p. 37)

O que propomos é justamente analisar as festas religiosas, ou festas “tradicionais” no município mineiro de Coração de Jesus, especificamente a festa de Nossa Senhora da Conceição/Bom Jesus e a festa de São Sebastião, realizadas ambas no Distrito de Alvação; e também a Festa de São Luís Gonzaga/Nossa Senhora Aparecida, realizada em São Luiz de Minas (povoado pertencente ao Distrito de Alvação).

Qual seria a relevância destas festas, os possíveis significados para “os de dentro” e “os de fora” das comunidades estudadas? Quais sujeitos estão envolvidos? Como tradição e modernidade se relacionam nestas festas? Resistir ou aderir à modernidade para que essas manifestações culturais se mantenham vivas?



Defende-se que preservando as práticas culturais das comunidades de São Luiz de Minas e de Alvação, sobretudo as festas religiosas ou “festas tradicionais”, preserva-se o patrimônio cultural imaterial dessas comunidades e aquilo que confere identidade às mesmas, dessa maneira, ajudaria os sujeitos envolvidos a se posicionarem frente à modernidade e tudo aquilo que é fruto da globalização, contribuindo também para a construção de uma História mais dinâmica e menos excludente, com a inserção de sujeitos e temas anteriormente negligenciados.

A festa de Nossa Senhora da Conceição/Bom Jesus e a festa de São Sebastião, são realizadas respectivamente em agosto e fevereiro, ambas no Distrito de Alvação; e a Festa de São Luís Gonzaga/Nossa Senhora Aparecida, realizada no mês de julho em São Luiz de Minas (povoado pertencente ao Distrito de Alvação).

Estas festas acontecem anualmente e fazem parte da vida dessas comunidades rurais; elas são organizadas por aqueles que veem nelas uma tradição a ser mantida, e nesse desafio há uma distribuição das tarefas a serem cumpridas, formando com isso dois grupos principais, os chamados “festeiros” e “os mordomos”: os primeiros realizam atividades envolvendo a recepção do padre, a preparação de alimentos, a arrumação da igreja e ornamentação em torno da mesma; os outros, são responsáveis pelo espetáculo com fogos e a levatada do mastro, ou hasteamento da bandeira.

A realização da missa e da procissão é que dá o caráter religioso a festa, é o espaço para a manifestação da fé. Após a celebração costuma-se realizar o leilão, em que prendas como alimentos e animais, doados pela comunidade, são vendidos pelos maiores lances, para posteriormente reverter em benfeitorias. Enquanto uma parte das pessoas fica para prestigiar e comprar as prendas no leilão, outro grupo se dirige à casa daquele que ficou responsável por fazer as “lanternas”, e estando todos com as lanternas em mãos eles se dirigem à casa do “ladrão da bandeira”.

E todo ano, um novo “ladrão” entra em cena, comete o crime de “roubar a bandeira”, que deve se mostrar sempre bela e imponente no topo do mastro e por isso todo ladrão assume também o compromisso de ornamentá-la, reformá-la e se preciso até de confeccionar uma nova bandeira. Aquele que rouba a bandeira se compromete com a comunidade, fica responsável por custear, realizar parte da festa, portanto é uma espécie de guardião da tradição. Essa tradição, no entanto, não se fecha ao “novo”, pelo contrário, muitas vezes tem na presença do carro de som (que compete com os cantores tradicionais) ou de um outro elemento que surge por necessidade de readaptação.

A festa é encerrada com show de cantores regionais, que atraem muitas pessoas, envolvidas com o ritual sagrado ou não, e tem o funcionamento de barraquinhas. Movimenta-se a cultura, a fé, mas também a economia e a política do pequeno povoado, campos interligados. E festa engloba, pois, a parte sagrada e a parte “profana” da festa (a “festa da rua”); o feminino e o masculino, a fé e a diversão, a liberdade e a restrição; tudo é parte da festa.

É grande o número de pessoas circulando nas comunidades em dias de festa; moradores, pessoas que vivem em comunidades vizinhas, pessoas que vão pela primeira vez a festa à convite de um amigo ou conhecido ou mesmo porque viu a divulgação da festa (redes sociais) e outros porque veem a oportunidade de voltar às origens, rever os familiares e amigos especificamente naquela data, naquele espaço festivo. Assim, a festa para os organizadores e moradores, a festa para os visitantes se torna um lugar de (re) encontro, de sociabilidade e afirmação dos laços de pertencimento.

O tempo das festas é um tempo especial, é alegria da preparação, da chegada dos parentes e amigos, do pagamento de promessas e de novos pedidos, de agradecimento pelas colheitas; celebra ao mesmo tempo a fé, a diversão e o trabalho. Para Mircea Eliade (1996: p. 79) “os participantes da festa tornam-se contemporâneos do acontecimento mítico”, isto é, eles “saem” de seu tempo histórico - aquele que resulta da soma de eventos profanos, pessoais e intrapessoais - e reúnem-se ao *tempo primordial*, sempre o mesmo, e que pertence à eternidade.

Observa-se que “no bojo das transformações do mundo moderno, as tradições, costumes, enfim, culturas seculares estão sendo esmagadas, desaparecendo como que levadas por uma onda gigantesca, fazendo parecer um imenso vazio” e levando-nos a questionar: “onde estão as danças típicas regionais, os antigos ritos e cerimônias de algumas comunidades, a vivência religiosa das cidades pequenas e as tradições de tantos povos?” (COUCEIRO, 2002: p. 13). Para Hall (2006: p.7) isso estaria relacionado ao processo denominado “crise de identidade”, que consistiria no declínio das velhas identidades, que estabilizavam o mundo social, fazendo emergir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, antes considerado como sujeito unificado.

Assim, as festas e as identidades, tomadas no plural, são vistas aqui em sua complexidade, em constante movimento, isto é, passíveis de transformação. Então, como preservá-las? Na medida em que notamos o seu caráter não estático, admitimos que sejam elementos vivos, entendemos que preservar não significa engessar, mas notar como e o porquê as mudanças acontecem e a partir de que momento passam a fazer sentido para os sujeitos envolvidos. Os conceitos utilizados neste estudo, como “cultura”, “cultura popular” e “patrimônio cultural”, também revelam o caráter dinâmico das festas.



Segundo E. P. Thompson (1998: p.18) as tradições “se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares.” Daí a necessidade de se trabalhar com as fontes orais, e destacar que sejam orais ou escritas, todos os tipos de fontes carregam certa parcela de subjetividade.

Para Verena Alberti (2008: p. 155-156) a História Oral “é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador de fita”, e o trabalho com esse tipo de metodologia, “se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a História, a Literatura, a Sociologia e a Psicologia”, sendo considerada “uma metodologia interdisciplinar, por excelência.”

Assim o que deve prevalecer é o sentido dessas práticas para as comunidades, independente da inserção ou não de novos elementos, estas devem ser referencia para as mesmas antes de ser “patrimônio cultural”, porque afinal, as festas em Alvação e São Luiz de Minas se realizam desde o surgimento dessas povoações, e só existem porque para seus integrantes elas possuem lógica dentro destes espaços, caso contrário, não existiriam. A ideia é que as praticas culturais façam sentindo antes de qualquer outra coisa.

Considerações finais

Notamos que a tradição das festas religiosas nasce praticamente com o surgimento das próprias comunidades, e a medida que elas vão se transformando seus costumes e tradições também vão se modificando. Portanto, a preservação destas não é pautada no seu congelamento, sua sobrevivência depende da “renovação”, da “reinvenção”; elas precisam disso para continuar a fazer sentido aos seus praticantes. Dedicar-se ao estudo destas festas é uma das maneiras encontradas para entender seus múltiplos significados, discutir e preservar o patrimônio cultural e a identidade das comunidades estudadas.

Agradecimentos

Agradeço o apoio da CAPES no desenvolvimento deste trabalho, através da concessão de bolsa de pesquisa e a Unimontes pela oportunidade que proporciona aos pesquisadores de divulgar, debater e enriquecer suas pesquisas.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Martha. *O Império do Divino: Festas religiosas e Cultura popular no Rio de Janeiro*. 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. São Paulo: Fapesp, 1999.
- ALBERTI, Verena. *Fontes Oraís: Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BURKE, Peter. *Variiedades da História Cultural*. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.
- COUCEIRO, Sylvia. Os desafios da História Cultural. In: BURITY, Joanildo A. (Org.) *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo, Martins Fontes: 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARTINS, Clerton. Patrimônio cultural e identidade: significado e sentido do lugar paisagístico. In: MARTINS, Clerton (org.). *Patrimônio Cultural: da memória ao sentido do lugar*. São Paulo: Rocca, 2006.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Cultura é Patrimônio: um guia*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D.Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.